

3 1761 06184719 0

Obras selectas de auctores portuguezes

II

POESIAS INEDITAS
DE
D. THOMÁS DE NORONHA

POETA SATYRICO DO SEC. XVII

EDIÇÃO REVISTA E ANOTADA POR MENDES DOS REMEDIOS

LYMEN



COIMBRA

FRANCA AMADO — EDITOR

1899

PQ
9231
N6A6
1899
c.1
ROBARTS



LIVRARIA ACADEMICA

H. A. Cunha & Cia. Ltda.

RUA MIGUEL COUTO, 49

- Tel. 43-6209 - Rio -

POESIAS INEDITAS

DE

D. THOMÁS DE NORONHA

OBRAS DE AUCTORES PORTUGUESES

II

POESIAS INEDITAS

DE

D. THOMÁS DE NORONHA

FORÇA MAYUSCULO DO SÉC. XVII

EDIÇÃO REVISTA E ANOTADA POR MENDES DOS REMEZOS



COIMBRA

FRANÇA AMADO — EDITOR

1899



LIBRARY

AUG 22 2000

UNIVERSITY OF TORONTO

INTRODUÇÃO

Da vasta e tam pouco estudada galeria de escriptores portuguezes, que na historia litteraria da secullo xvii tem a designação de *quingentistas*, destaca-se a figura singular, extravagante e bohemiça de D. Thomás de Noronha.

As suas produções poeticas conhecidas foram publicadas na *Festa Renascida*, pg. 218-257 do tomo v, mas não representam senão uma pequena parte do muito que occupou o illustre poeta pois, segundo Barbosa Machado ¹, toda o que elle escreveu encheria muitos volumes.

Como se sabe a collecção de bagatellas, conhecidas por chamos FERNANDES Pinheiro ², conhecida por *Festa Renascida ou obras poeticas dos mais ilustres escriptores portuguezes* ³ foi organizada por

¹ *Historia Litter.*, vol. D. Thomás de Noronha.

² *Resumo da Hist. Litt.*, II, 170.

³ 5 vols., 1716-1728.

um livreiro de Lisboa, Mathias Pereira da Silva, morador na Rua Nova, a quem a boa fortuna enriqueceu e afidalgou e que, talvez por esse motivo, deixou a collecção parada a meio caminho, muito incompleta e imperfecta.

Esta conjectura é do Cavalheiro de Oliveira ¹. É certo, porém, que o colleccionador tentava enriquecer a sua galeria litteraria com as produções dos melhores poetas do tempo. Confrontando e espedhando manuscritos, Mathias Pereira da Silva foi publicando morosamente a *Fênix*, sob o patrocínio de altas personagens, com as respectivas licenças do Santo Officio e do Desembargo do Paço, esperando nos favores do publico, sempre promettendo novos volumes. Mas a collecção parou no v, entorpecida a energia e boa vontade do editor por malevolencias de adversarios ou inimigos. — Estando já para se remontar generosa á esfera da luz, escreve elle no *Prologo*, não poderosa lhe cortou as asas, com que foi preciso deixal-lhas crescer e nascer-lhes novas pennas para poder voar, o que hoje faz tão elevada neste seu quinto voo, que excede muito aos da fama, e com tanto vigor, que promette repetição de muitos voos até encher com os seus giros toda a esfera da tua curiosidade ».

¹ *Memo. hist. polit. e litt., etc.* Braga, 1744, p. 327.

Por este critério que não documento de dos collaboradores, o Silva deixava aditivamente as integras dos poetas que pertenciam a rimas, glorificando os grandes mestres. D'alí se infere então, com justificada razão, parece-me, que o Cavallotto de Oliveira quis exercitar o seu taloso humanismo salpicando de nodos o bom do lyrico.

Mas d'onde viria a opposição ao editor da *Fênix*? Do publico não; aquella *maia poderosa* democracia uma intervenção hierarchica que se não encaixa bem com a do plebeismo de anonymos. Das autoridades, que intervinham na publicação da obra, também não, que lá apparecem as respectivas licenças. E de onde que a guerra ao ecclesiasticismo partisse d'aquelles que não encontravam guarida no Panteão talmente arbitrariamente por elle. Para dar mais uma voz razão á maxima da Sabedoria das Nações: — que o poder belongs á official do mesmo officio...

Será como foi, para um estudo serio e mais em tempo permanente e fixo da vida dos poetas que collaboraram, por extempo proprio da lyrica, na *Fênix*, e claro que os documentos não abundam. Pela que respeito a D. Thomaz de Noronha pode affirmar-se isso sem receio de erro.

Uma parte curiosa e interessante está dispersa por elsewhere.

O editor excluiu systematicamente da *Fênix* as poesias com resabios a profanidades. De D. Thomaz podiam extremar-se as poesias que eram de saber algum tanto malicioso e merdaz, d'uma mordacidade citrina, irritando o paladar, mas sem grande nojo da pituitaria, d'aquellas em que o poeta dava largas a sua veia caustica, fóra de toda a medida, tresandando á mais desenfreada obscenidade.

Deviam de ser as primeiras que fizeram aborrecer o poeta de a *fidalgua de discrição* *, como elle chama o primoroso auctor da *Luz e Tabor*, e por ventura por causa das outras é designado por Barbosa Machado — « *Marcial de Alenquer* ».

« Não tenho tenção de dar lugar nestes tomos ás obras, que por pifanias e impudicias o não merecem, escreve Mathias Pereira da Silva na advertencia *do leitor*, no vol. I. Porque o meu intento é de aproveitar a quem as lêr com a erudição e exquisita suavidade e não de destruir os bons costumes. Nem se me deve extranhar a resolução... » E seguem as desculpas, como quem presume hostilidades, pelo acerto tomado.

Que não se apavorem as cunhas do meticoloso Mathias Pereira da Silva. A civilisação nada ganharia e menos ajuda a memoria do fidalgo poeta com o conhecimento das percuras, que paladares, educados na escola de Zeno, por certo admiram e apreciam.

Devidas. Aberrações e distorções heretologicas não podem nem devem subtrahir-se a exigências normais e sãs. O que eu deplorava era que estas notas, tomadas quasi exclusivamente em documentos inéditos, concorressem em alguma coisa para o conhecimento da individualidade literaria, que foi D. Thomaz de Noronha e, conseqüentemente, para a da epoca, tão olvidada, que se demorava *prostrata* do nome do poeta popular Luis de Góngora, que tam alta influencia exercera dentro e fora do seu país.

I

D. Thomaz de Noronha descendia d'uma das famílias mais illustres de Portugal.

*O Noronha não a foi
 De jactans bochecha*

da se auctor do *romance* que conta as festas com que, em agosto de 1666, Lisboa recebeu a esposa de D. Affonso VI, a gentil D. Maria Francisca Isabel de Saboia *.

O mesmo que foi dos origens foi a filia illustre de D. Fernando — D. Isabel, e a filha,

* *Vénie*, iv, 172.

também bastardo, de Henrique II, rei de Castella — D. Afonso, conde de Gucer e Noroia, era de oito e este de dezotto annos, quando os casaram.

Ainda a morte o illustre esconde, apresentando fugir a consuminação do matrimonio por motivos que a fúria inquisitorialmente investigadora dos genealogistas não conseguiu, por enquanto, deslindar. Protestos do coração, em idade juvenil atreito a romantismos, talvez compromettido — quem sabe? — em aventuras de sua livre escolha. O moço finalge é que se recusava a sancionnar o que a diplomacia impunha. Fugiu para França, esteve em Avinhão, requeteou a divisaes e... submettem-se, passata a lueta, á realidade dos factos, acceptando o bom conselheiro familiar e ligando-se a D. Isabel, da qual heave seis fillos que todos, após a morte do pai, vieram para Portugal onde receberam bom acollimento do rei D. João I. O brasoão dos Noroias é esquatelado — o 1.^o e 4.^o das armas do reino, o 2.^o e 3.^o de vermelho castello de ouro, o campo acantelado de prata, com dois leões batalhantes de purpura, armados de vermelho, bordadura de escaques de ouro e de veirado de vermelho e prata, de vinte peças. Timbre, um leão de esendo nascente, armado de vermelho.¹

¹ Entre os nobres sobre a Família Noroia do Dr. Roderico Freire de M. Almeida Bivarcamp Freire — *Leira Primária*

São da mesma forma os estudos dos Aires, de Villa-Réal, Lindhares, e depois de Caminho, etc.

A natureza da sua obra se refere à poesia algumas vezes lamentando a miséria em que se encontrava e a pouca validade das purgatórias para as necessidades do seu viver.

*Quil' imperti soum' batendi e palmo
de a batendo no dia paulo e palmo* (1).

Sua pai chamava-se D. Pedro de Noronha (terceiro neto do Marquês de Villa-Réal) e foi noço biológico de D. Sebastião por volta de 1574. Sua mãe chamava-se D. Maria Jordão. Ignora-se a data de seu nascimento², mas fixando-se a da sua morte em 1634 com a nota de que sucedera

dos Deuses da sede de Chaves, Lisboa, 1980. Sobre a família Noronha podem também consultar: *Shantim Pato, Genealogia dos Descendentes Trindade e Noronha de Portugal*, t. 1, (D. Trindade de Sousa Junior) Lisboa (D. Miguel de Oliveira e Almeida, por do Marquês de Frontal), *Plantas Genealógicas*, t. 1 (novos patricados), 108. T. António Oliveira, *Genealogias Portuguesas*, no 10.

¹ Val. Jilmar, *Floraes Indígenas*, 81.

² Alguns historiadores tolaes se propõem que se se avaliar de fato a data de morte de poeta. Aqui agredirei as fontes literárias e genealógicas do Dr. José Machado de Braga, as informações que sobre o baptismo tem produzido me permitem a desenvolver, e de que modo um aparente poeta morto.

já em idade avançada ¹, é de suppor que a sua meninice e infância se passaram ao findar do século dezaseis, quando Portugal chorava o luto que a inexperiencia d'um rei epileptico e megalomano foi procurar nos areaes de Africa, em Almor-Qebir.

De genio irrequieto e aventureiro, dissipando nos prazeres o melhor do seu tempo, mal se coteptehendo como semelhante bohemio quizesse filipear-se nos laços de familia. Mas o matrimonio sabia elle deerto harmonisá-lo com exigencias d'outra ordem, alias não teria recusado. Ora D. Thomás casou duas vezes: a primeira com sua prima D. Helena de Salazar Jordão, de quem teve uma filha D. Maria de Sorenda e Meneses, e a segunda com D. Catharina da Veiga, filha de Henrique Esteves da Veiga, passados já os ardores da mocidade, malbaratada em aventuras a sua vida de bohemio incorrigivel, desiludida e sem meios de fortuna, sendo até o seu parente marqués de Villa-Real quem se obrigou por elle ás artilhas por não ter bens livres ².

A filha do poeta casou com Bernarda de Nápoles e Veiga e d'este matrimonio descende o 1.^o visconde de Alenquer, D. Thomás de Nápoles

¹ Barb. Machado, *Bibl. Lusit.*

² Barb. Machado, *ob. cit.*

de Noronha e Vieira, que nasceu em 1820. O nome do poeta foi baptizado com o nome de Henrique, mas aliás D. João IV.^o mandou que lhe trocassem o nome e que em memoria de seu avô se chamasse D. Thomas de Noronha.

Ao segundo casamento alludo D. Thomas no soneto que começa:

Tempora venimus, e bono parvulo,
Mas não me foi a fim de mal parvulo,
Que, quem fôrdo foi, a ter parvulo
Não foi fim e pouco de me fôrdo.

Quanto fôr melhor não me fôrdo,.... 2.

Quem escreveu este soneto desverte muita a legia d'uma bella inspiração. Elle deixa sobreviver ali que poeta poderia oppor-se a estes de poeta, que tanto se afundou na provincialidade d'um estylo, que nem por seus parvulos nem os seus horribiles horrores. Mas não se deturcamos de quem se inspira com toda a sua violência. Falsos de seus antigos indícios, mas sem pábulo de fortuna, D. Thomas evitou a provincialidade dos seus contemporâneos por meio de gualleto aliás e de tempo ali, que elles apreciavam. Na

* Carvalho, *id.* *id.*

† Vid. *Phonias* *id.* *id.* 1.

miséria a sua musa estorce-se em esgaras. Pede, supplica, implora. E' a sua sorte que elle lamenta:

*Ninguém aqui quer mais triste e faminto,
Segunda vez nolda na estira;
E que impetia temer lontala e molre
Se a fortuna me faz patulo e peino.¹*

Dirige-se por isso aos amigos e aos poderosos e punta-lhes a situação em que se encontra e que elle declara ser mais aviltante e mesquinha do que a dos proprios creados d'elles.

*Que cativo em masmorra, que fargado
Ao tomé da gale? que macilante?
Que Job? que parafiteo entevado
Na posina? que museu estudante?
Que preso na enxovia? que soldado
Sem paga? que preso em turbante?
Ora que cinto-vosso, por ainda é mais
Com moetas se vêo no mundo tais?²*

E' assim, implorativo e pestinchão, que se dirige ao duque de Caminha, fazendo estendal da perúria em que se encontra, sollicitando os dez mil reis promettidos, mas que tardavam, sem o dinheiro

¹ *Vol. Poesias completas, 42.*

² *Id. Poesias completas, 42.*

necessária para a compra do pão à padaria, a qual soffria

Que eu pagasse como antes de costuma
Um pão reparte-se com três fadas¹.

Deixe-se em casa alegada ao mês, não paga as
salidas ao campo, fogem d'elle os amigos, pois
que

E a pobreza é sempre repentina,
Mal tem tempo, que ali do lá vem;
Não tem ao no mundo qual trabalho,
Sabere si o fado quer a guisa².

Não devia de ir muito longe d'aquí a realidade.
Os seus versos accusam em varios logares a sua
vida attribulada e dependente. E assim deveria
ter tido — velho e pobre — o fidalgo que foi
D. Thomaz de Noronha.

II

Os altos galardões do castelo culto eram, escriptura
Camillo Castello Branco, os equívocos, os
trabalhos, a maritima, os conselhos, hyperbolicos
reluctantes, a *estilha perpendicular, evasivas*

¹ *Ibid.*, 44

² *Ibid.*, 44

de clausulas, homonymias, jogo de vocabulos, hypotyposes, enfim o gongorismo que se havia, com uma doçura insidiosa, infiltrado nos mais primorosos engenhos, sem excepção do Padre Antonio Vieira e de Jacintho Preire ¹.

O grande romancista dizia isto a proposito de Antonio Serrão de Castro, outro poeta da mesma epoca, que extravasou a sua mordacidade nos versos monotonos e somnolentos dos *Ratos da Inquisição*.

Mas a extravagancia, que tam bellos engenhos prejudicou, não foi exclusiva de Portugal. Simultaneamente dominam em França a *pleiade*, os *Euphuistas* em Inglaterra e os *Marinistas* em Italia ². Desnorteados pelo talento dos mestres, discipulos cheios de audacia, e bastas vezes de incompetencia, afastaram-se do caminho seguido por aquelles que haviam proposto como guias e como modelos.

D'aqui tanto torceram e retorceram o já delgado fio poetico que, segundo a expressão de Garrett, o quebraram de todo ³.

O que é notavel é que na propria *Finta Renascida*, onde as delicias do cultismo chegavam á

¹ *Os Ratos da Inquisição* (Porto, 1883), 95.

² *Hist. da Litt. Esp.*, III, c. XXIX.

quinta essência, aparentemente os profusos contra
essa artificialidade maneira de escrever:

Quando assim é ser culto,
Fugir chimarras e fallar a volta !
Mas sempre (seri) dizer d'alta poesia
Que ventila de linguas portuza !
Fica quando mesmo a que dentro amamos,
Quatro para extracção nos damos.
Facilite a cultura
Mas não prevaleça a lingua castellana,
Que a lingua portugueza por cima
Faz poesia, e por grave não se muda.
Não se precisa mais voltar ignorancia,
Fica toda a cultura de elegancia !¹

No Pequeno do Pirnaso do mesmo volume
da *Fênix* lêmos:

Natureza freme a volta do culto
Fica poder fazer como de volta !
Triste cultura !²

Defendendo o uso da poesia e da lingua por-
tugueza e collocando-as acima da hespanhola e
italiana, embora em talra verba, diz optimamente
o poeta:

Triste, é tanta poesia e não
Fugir grave gravidade agra bem clara !

¹ v. 34.

² v. 23.

Não sabes tu que a língua portuguesa
 Não tem no mundo igual matiz em palatada ?
 Que em dia que grande coisa ainda sobra
 (Que enfim não do Parnaso Pegueiro)
 Se vi que comprasse a alta Apala
 Poesia divina
 Na língua portuguesa ou na latina,
 Que tem o português propriedade,
 Eloquência, brandura, e claridade.
 Amourisca-se muito o castelhano,
 Tem muitos *ches* e *chis* o italiano ¹...

Este *Pegueiro do Parnaso* sentença com desassombro. O « verso culto e claro » é posto em ridículo. A fonte do Parnaso, donde manam limpadas e cristalinas as águas da inspiração vam beber o « grão *Miranda* », o *Bernardo* o reverendo », o « douto *Montaleão* », ao lado do « peregrino *Tasso* ».

A enumeração destes e outros engenhos é feita por um

velho, que ha cem annos
 Sempre cantava em versos heptassílabos,
 E tuha por cuidado,
 Guardar da fúria tanto fôrta e grande
 De bichos peçonhentos,
 De Fúrias, que elle havia jurmentado,

¹ v. 45-46.

E de palavras raras,
Que têm ali muitas boas razões
Muitas rimas novas
Quando de muitas razões se trata!

É a este velho (certamente Camões) que se dirige imperativamente o paguro:

• Senhor! os Gorgurantes

Que sempre por os mares brancos
Que em vobos se acham
Quem vobos vobos vobos vobos
E por os mares vobos vobos vobos
— E por os mares vobos vobos vobos
Das águas d'esta festa,
Quem vobos vobos vobos vobos vobos
Então por um pipeto,
Que em vobos vobos vobos vobos vobos
Serem os vobos vobos vobos vobos
Muitos vobos vobos vobos
Serem os vobos vobos vobos
E de palavras raras por os mares.

2

Vale mais que estes protestos isolados o des-
pertar da rima. Basta olhar para o título do
livro das poesias, que encerra os cinco volumes
da *Penic*, para ver quanto a influência deleitosa

* 1, 11

* 1, 11

da imitação de Gongora havia desnortado os espiritos. « A um desmaiado », a « umas saudades », a « um puntasilgo cantando », a « uma boca ferida », a « F. picando-se com uma rosa », as « barbas do regimento do Conde de Rebat », a « uma dama sangrada », « Ausente fallando com o seu suspiro », e outras obscenidades d'esta ordem.

Aos mais sensatos repugnavam os artificios que a moda ia impondo por toda a parte. Alludindo a essas aberrações, tam improprias da naturalidade, em que haviam sido vasadas as melhores lyricas de Camões e as paginas vivas e simples da *Menina e Moça*, escrevia Verney tempos depois: entendem que o compôr bem consiste em dizer bem subtilezas e inventar cousas que a ninguem occorressem: com esta idea produzem partos verdadeiramente monstruosos e que elles mesmos, quando os examinam sem calor, desapprovam ¹. D. Francisco Manuel de Mello tambem ridiculizou o gosto depravado do gongorismo.

No *Fidalgo Aprendiz*: toda a scena da *Primeira jornada* em que apparece o escudeteiro Affonso Mendes trazendo consigo « um estudiantão muito sujo e muito mal vestido » e um golpe vibrado em cheio aos adoradores do enthusma. O poeta entrando « muito devagar, fazendo cortezias » é

¹ *Verdadeira Methodo*, etc., off. A Carta 7.^a, 217.

o espelheiro apontado em flagrante delicto de realidade pelo perspicaz crítico e observador, que era o illustre autor dos *Apologos Dialecticos*. As primeiras palavras d'essa grotesca peroração, tanto que entra em scena, são incomprometidas. Estarás vendo o porquillo, dengueiro e entalhado, romper naquellas óras exclamações de empurramento?

Port. — O que quere de Pyrene
 Eu dilirent freguetes vendidas,
 Bando, vendeis, n'aque, vendidas?...

 Ante vossa presença peo nobre
 Eu tanto pretendo de nobre nobre,
 Que entre quom d'esse freguetes freguetes.

Diante d'estas imperfeições a fidalga medita-o a trepa, a gargalhada e recommenda-lhe que é melhor fallar de forma a ser entendido.

Gal. — Mestre freguetes freguetes,
 Que peo nobre freguetes freguetes;
Port. — Freguetes, como vendeis,
 Bando portuguez freguetes e freguetes;
Gal. — Quido que é nobre freguetes.

E a satyra segue, até ao fim da scena, despendida e cruel.¹

¹ V. d. *Auto de Fidalgo Apontado*, ed. revista por Mendes dos Remedios, Coimbra, 1898, pp. 18.

III

A época era, de resto, o que offerecia — banalidades, contrafacções, ridicularias. Perdera-se o amor da disciplina, aviltara-se a auctoridade **moral**, desaparecera a rija e forte preocupação de costumes d'outras épocas. De D. João III para diante nada mais fizemos que afundar-nos pouco a pouco na inercia e na depravação. Morre nos atreos de Africa a energia do nosso ideal e a seguir, num doçive assustador, com D. Henrique e os Filippes cecios numa atonia assustadora.

O que predomina na sociedade é o prazer e o luxo. As pedras preciosas, os brocados finos, as essencias, tudo o que a vaidade podia inventar, de tudo tínhamos e de tudo usavamos. Os espiritos eram frívolos, como era mesquinha a vida nacional. As espadas largas degeneraram em cósias, e os capacetes se trocaram em perucas, já o pente em vez de se fincar na barba ensanguentada, se finca publicamente na cabelloteira, alvejando com pedvilhos. Cheiram os homens a mullores, não a Marte, mas a Venus. Quem havia de lutar ao grande Albuquerque, prendendo a barba ao cinto, se já não ha novas de cintos nem de barbas? Quem haveria de sair

que habita em África, se é mais gostoso estar no camarão em Lisboa, graça-jendo com as farpantas e atirando-lhes já com chibitos, já com dardões? (...)»¹. Tal era o estado da sociedade portuguesa como a via e presenciava o espírito faccioso da oratória Manuel Bernardes.

Em tal meio vivia a sua longa vida D. Thomás de Nogueira. Que achista que o seu estro se limitasse na descrição de tais inutilidades? Estes arrolhos da vida não eram de molde a inspirar, mas largas e profundas. O poeta balçado, em quem corria o sangue da família, ria de tudo, até da sua própria miséria, com mais boa vontade ainda assim, devemos crê-lo, que o seu contemporâneo Serrão de Castro.

A sociedade dizia que caracterisa as composições de D. Thomás de Nogueira appellar o Marcial de Alenquer. *Fidélis de descrição* muy celebrado neste reino, lhe chama Manuel Bernardes, mas de certo é que á humilde colla do oratório não chegavam nem as daquellas litteraturas, que sem tudo quanto ha de mais útil e característico, se vão ao pornographico.

D. Thomás de Nogueira é um poeta satyrico de talos e torques por todas as nações o titulo de *poeta de Beringa*. Mais do que Antonio Severina

¹ *Nova Florentia*, II, 314.

de Castro elle merece ser considerado como o primeiro poeta do seu cyclo.

Que este juizo não é exagerado di-lo-ham os que lançarem os olhos sobre as suas poesias.

IV

As poesias de D. Thomás de Noronha podem dividir-se em dous grupos — as *impressas* e as *ineditas*.

1. — **Aquellas** appareceram, como já dissemos, no tomo v da *Fênix Remescida*, pg. 220-259. Que saibamos em mais nenhuma collecção se publicaram versos do satyrico poeta. Camillo Castello Branco nas *Noites de insomnia* reeditou a *Canção*, que se intitula — *A uma mulher, que sendo muito velha, se enfeitava* — publicada na *Fênix*, pg. 220 ; na minha *Litteratura Portuguesa* (Coimbra, 1898) publiquei duas Decimas até então *ineditas* (pg. 181) e que vão tambem no presente volume. Em Manuel Bernardes (*Nova Floresta*, iv, 471) apparece tambem uma quadra, que não vem na *Fênix*, nem em nenhum dos manuscriptos que consultei, e que tambem publico agora. Eis, segundo o meu conhecimento, a

**Lista das Poesias publicadas na "Fênix Renascida",
e nos lugares indicados**

Canções: —

- A uma mulher, que sempre tanto volta se indaga.
- A uma lageta que já se queima por seu chamamento.
- A um mar grande.

Sonetos: —

- A morte de Sertório D. Maria Chastel a que se tinham
escrito muitas versos.
- A D. Cecília, filha de Vasco Fernandes Cesar minha
mulher que viveu por cinco grande poemas a todos.
- Prosa de alguns mais por uma dama cruel.
- Em nome de uma boa fada.
- A morte de F. R. Leão.
- O sofrimento por palavras maldades.
- A uma mulher que se tornou mocha grande e se
tinha conquistado, e hoje ela está dentro o abajuro.
- A duas mulheres, pedregal.
- A Cecília de Lisboa que nasceu em Africa por João,
se foi ficando muitas poesias em livros: que vendem
o autor fez este morto.
- A mulher de Portugal, mudando-se pela fantasia
oponida por uma vida muito diferente.
- Quem seja com mais, quem seja com o.
- A uma mulher que diz João Vilela.

ROMANÇO: —

A um amigo.

Sendo o mestre de gala em dia que se celebravam os
annos d'el-rei no anno de 1642.

A uma polleita com quem tinha amor.

Vindo o auctor de Ceuta.

A uma boca grande.

RECOMENDACÃO: —

A uma bondade que se quistava de que seu amorito lhe
devesse fazer uma que fosse em Yesso, e não lhe des
muita pancada.

DOCTORES: —

A um esmolento.

Habendo que era pouco tempo de mais por meter um
romanceo de D. Thomás.

A Fidalgo de El' por saltar por uma janela fugindo de um
lady-quero que lhe deu com um pau por se volar com
sua mulher.

A um homem que lhe devia com a sua

Tendo-lhe furtado um tacho.

A uma bella moça com a quem tinham um acasamento
pelo caso, a qual tinha uma ninhada muito formosa.

A um elle de mestre, que foi desleal, e qual se cha-
mava Basileuque.

A D. Affonso de Sarmiento antigo Promotor do Ministério
da mandando-lhe um par de sapatos magros.

A um fidalgo, que levou com grande descontentamento
a parte a D. Thomaz sem ope de conselho.

A uma dama que muito lucto.

Vendo faltar uma poesia de Jac. Quilley, com certa
muito negativa propozera a que era. E faltar
responzido que foi uma coisa, a quem se puzeram
os olhos.

A um senhor que era fido a que propozera
muito.

A um advogado muito usado com uma mulher fida.

Introdução: —

Enquanto um homem se paga a fumaça que lhe levou
por uma bobada.

Canto: —

A um fidalgo que estava a que muito, muito repun-
tado a fumaça.

12 — *Introdução*. Grande devia ter sido o nú-
mero das poesias compostas por D. Thomaz. Com
ellas se encheriam muitos volumes, diz o douto
Eustachio Machado. As investigações a que ha
muito procedemos no archivo das manuscritas
da Bibliotheca da Universidade depararam-nos
nos volumes contendo muitas poesias de vários
fidalgos e de outras partes de vários grupos.
De por mais as poesias na sua quasi totalidade

publicadas na *Fénix*, encontramos muitas *inéditas*. Procedendo a um estudo demorado e cuidadoso dos tres Ms., que são os n.ºs 321, 391 e 392, foi necessario fazer uma selecção. De facto algumas composições são tudo quanto ha de mais immoral na fórma e nas ideas e nellas, por vezes, a banalidade rasteja pela sensaboria. Dou aqui por isso apenas o

**Titulo das Poesias que se não publicam
por serem pornographicas**

Sonetos —

« Com chancelas nos pés, saio em camisa ».

Cag... estava a dama mais formosa.

Epitaphio a uma p...

A uma mulher que lhe pedia os e... e pedia cunhos.

« Senhora Beatriz, foi o demonio ».

Adeus um homem no vaso d'uma mulher um membro viril.

Ao desafio de duas mulheres.

Dá a razão porque amor é cego.

A Horta dos Sonetos, moderna em Cascos, que ardeva com Affonso Rêgo.

Romanços —

A uma dama que deu um trapeço a dous-lhe que se gloriasse.

A uma mulher que de tanto lhe amando,

D. Thomaz tinha tanta vontade e chistoso por a
 verem em tão pequena da terra, e a sempre se chama
 Anna Figueira e por lhe pediram, temo-se que lá a levou,
 e lá a gente lhe fez uma casa.

A uma filha que nasceu e se fez

Dizem : —

A uma filha muito alta e magra,

[O m. III, C. II, l. 1.] *Muito que deram nome
 fôrmos a filha a D. Thomaz : Muito : — este é o
 nome que levou.*

A uma mulher que a verdadeira peixe, a quem chamam
 em honra, e lá a gente a fez a filha.

Fique na terra de amor.

A uma filha que lhe deu a palavra por nome que se
 pôde.

A uma filha que a chamavam em tão nome.

Dizem que de lá se e de lá se pôde a Extrema
 União.

A uma filha a quem se chamavam por nome de
 nome e lá a gente a fez a filha.

A uma filha que chamavam por nome de lá se pôde
 um nome de lá se pôde a filha.

Dizem : —

Tudo o que se chamavam e lá se pôde a filha
 e lá se pôde a filha.

CARTA : —

Que mandes a uma sua Prima, que lha peça 14 varas de tafetá verde para um saio para se guardar o Santo jubileo.

Da Carta a uma dama que sendo seu favoravel, um D. Fulano lha pede a outro amante, a quem talhava favor, 14 varas de tafetá amarello, verde ou amarello para fazer de uma roupa em tempo que se ganhava um grande jubileo *.

[Mas o ms. 390 por baixo do titulo desta poesia diz : — não é de D. Thomás].

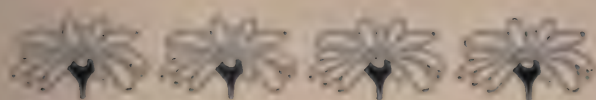
A sua mulher, sendo ambas ja velhas.

MOTE E GLOSA : —

Uma maricas que tinha . . .

Realisada esta operação de sanidade moral, bastante restava ainda digna, no meu entender, de vêr a luz publica. O gongorismo, como de resto muitos outros pontos da nossa historia litteraria, não obstante os esforços d'alguns obreiros incansaveis e refractarios á malaria de morbido passivismo, a que dia a dia vamos succumbando, está por estudar, e creio que não será completamente esteril o pequenino obulo que deposito em gazophiliaceto, onde tam raras esmolhas caem.

POESIAS INÉDITAS



SONETOS

CASANDO SEGUNDA VEZ.

Temperou, confesso, o bem perdido,
Mas não me tira a dor do mal passado.
Que quem ferida foi, o ter sarada
Não lhe tira o pesar do ser ferido.

Quanto fora melhor não ter vencido,
Que estar de todo agora restaurado,
Que ainda que o remendo é de brocado,
Não parece mulher qualquer vestido.

Aquella habito da alma tam perfeito,
Que me talhouz amor, foi a ventura,
Razgon-o a dura morte, o triste fado.

Agora o remendo, mas foi honroura,
Porque um vestido rico e tam bom feito,
Reto estava melhor, que remendado.

A UMA DAMA PRÓDIGA DE FAVORES

Se assim, formosa Helena, como és sol,
Não deras tantas mostras de ser lua,
Não te tivera o mundo por commua,
Nem quem tanto te quer por catacol.

Olha que já te tras a fama a rol
Por ser a tua grandeza a todos nua,
E podê ser que ganhes sendo crua
Não acodindo como peixe ao anzol.

Ai! muda, muda, Helena, muda os modos,
E não sejas oh ! não ! como é a corça,
Que mais corre com a seta que a lastima.

Amia a quem te mais quer, e não a todos,
Que repartido o amor tem menos força,
E a cousa que é mais commua não se estima.

BOLHA DE EPIGRAMAS

Olhai cá Bracia Vaz, bem escusado
Tendes de andar comigo em mexerícios,
Se o fazeis por ter parentes meus,
Louvado Deus, não sou de emprestado.

Filha de loucado sou, e de loucado
Meu Pai por lida vem dos Massaricos,
Se andardes comigo em seredicos
Quero falar dos-dez prado do meu grado.

Se o que por mim passou não vos esquece
Para andardes *eu, eu, eu*, sempre comigo,
Olhai ao pé e deslizei a roda.

A Bichas e Senhora amestoe ...
Não fui eu a primeira, e mais vou digo,
Que no mais fizeis para eu a padroeira.

A UM HOMEM PEQUENO E DESPREZIVEL CHA-
MADO PAULO FEIO.

Sapo concho, forão, lagarto em toca,
Meio vintem, singuinho, basaruco,
No corpo goso, e nas pernas cuco,
Novello de fiado, massaroca :

Mona que cachorrinho afaga e acoca,
Menstro de Achem, brazil, maluco,
Sobre pequeno, torpe, feio, e bruco,
Sapo em pé, cascavel, sizo de roca :

P... barbada, cabeça em odre,
De anões (?) rei e de pigmeos caciz,
Mama de má mulher, de homem meio,

Pequeno em tudo és, e em tudo podre,
E se é verdade o que a letra diz,
Ou tu és o diabo, ou Paulo Feio.

A MUITOS TEMORES NO PORTO COM MEDO DE
UMA NAU DE HOLLANDESES.

Portugal, Portugal, és um sandeu,
Estas caduco já por esta cruz,
Tanto talam-bakam, tanto trus-trus,
Pera quarenta e... cheios de breu!

Pera quarenta e... pois bem sei eu,
Quem, sem lança nenhuma ou arcabus,
Pera dar guerra a quatro centos e...
Armado está com quanto Deos lhe deu.

Hollanda será caça se cá vem,
Se tendes medo a Hollanda o meu Ruão
Sabe correr a caça muito bem.

Estregai-vos, pois tendes capitão,
Que toda Hollanda escusadamente tem
Pera ferrar a perna de um cabão.

CASANDO-SE UM TINHOSE COM UMA MULHER DE MÁ FAMA.

Toda esta terra muito festejou,
E com muita razão foi festejado,
O senhor D. Esculapio estar casado
Com a senhora D. Esculapou.

Elle homem de bem que se approvou,
Ella mulher de bem que o tem provado,
Elle em certas partes foi soldado,
Ella em certas partes se soldou.

E perguntando o cura se alguém
Algun impedimento tinha, sua madrinha,
Ouvi que respondêra muito bem,

E mais que respondêra muito asinha :
— Quanto a minha afilhada não o tem,
Quanto a meu afilhado, elle tinha.

A O PADRE GILÃO, FRADE FRANCISCANO, POR
FAZER OS VERSOS COMPLETOS.

Padre Gilão, se a vossa reverência,
Lhe deu honça o lauro patriarcha,
Para fazer os versos mais da marca,
Bem dada foi em sua consciencia.

Porém se lh'a não deu, mostre vossencia
Exemplo em Camões, Lope ou Patriarcha,
E não me ande por aqui roçando alparca.
Porque me dá com um pão na paciencia.

Se a tousa de vossencia é contopeia,
Setentaça de charros do Pegasus,
Versos faça — com Deus! — de legua e meia.

Porém se algum esdormido do Parnaso,
Lhe ha levar por completidos a cabon,
Que ha de fazer vossencia neste caso?

A UM NAMORADO QUE QUANDO FALLAVA NA
DAMA NÃO A NOMEAVA SENÃO POR *ELLA*
E DIZIA QUE ERA MAIS FORMOSA QUE
SUAS VIZINHAS.

Nella só vivo e morro só por ella,
Porq'ella é muito mais formosa qu'ellas,
E se o contradisser alguma d'ellas,
Mente, remente, sim, por vida d'ella.

Qu'en sei quem ellas são e quem é ella,
Que vale mais qu'ellas em que lhe pos'a ellas,
E por isso lhe estão roendo ellas
Os calcanhares, com inveja d'ella.

Uma cousa tem ellas melhor qu'ella,
Qu'ella é dura, sendo brandas ellas,
Por isso ellas têm mais captivos qu'ella.

Se ella quer ser mais servida qu'ellas,
Acabe ella de ser já tam aquella,
E ficarão as moças todas ellas.

MANDANDO-LHE PELO O SEU RETRATO

Quis mandar-vos, Senhora, o meu retrato,
Porém, tornei a ver qu'era escusado,
Que lá me tendes vivo e não pintado,
Vede quanto mais perto e mais barato !

Na alma me podeis ver, que nella trato
Estar sempre presente retratado,
Salvo se pude (ai, triste !) ser riscado
Do coração, a poder do tempo ingrato.

Eu vos vejo, Senhora, aqui presente
Mas não vejo a vós, a mim me vejo,
Onde estaes invisivel escondida.

Oh ! miseravel vida de um ausente,
Que está vendo o seu bem no seu desejo,
Mas sentindo sua morte em sua vida.

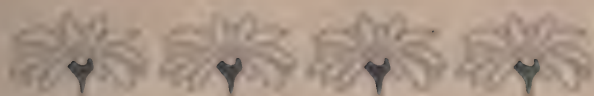
A UM VELHO CHEIO DE MUITOS ANOS QUE
CASOU COM UMA MOÇA.

Um velho de cem annos desdentado,
Trombeta de catarro noite e dia,
Tam devasso de ventre que vertia,
Sem sentir, o excremento mal logrado;

Petroso, cheio de pelles, descarnado,
Que mostrava medonha anatomia,
Mais sujo e fedorento que uma harpia,
Mais fito que breu entregelado;

Este da vida proprio desengano,
Amor lascivo o perseguiu de sorte,
Que uma moça buscou bem parecida;

Casou-se; porém de ambos foi o damnao,
Que elle buscou na moça breve morte,
E ella accoutou no velho triste vida.



DECIMAS

A UMA DAMA QUE LHE CHAMOU DESVEIRGO-
NHA DO

Presentei uma afecção
Por sollicitar meu gosto,
Vale mais vergonha no rosto,
Que magoar no coração.
Dizem-me por galathea
Sobretudo sou ser meu ;
Mas a dama que m'o deu,
A ser usada se despozou,
Pargue quem não tem vergonha
Tudo todo o mundo por seu.

A UM MULATO QUE NÃO FAZIA CASO DUMAS
PANCADAS, QUE LHE DERAM.

Senhor Antonio de Abreu,
Admirado o mundo está
Do pouco que se vos dá,
Do muito que se vos deu.
Tal não presumira eu
De vosso talhe e feição,
Porém nessa ocasião,
Mostrar ao mundo prometto,
Que homem foi de couro preto,
De e ..., preto, isso não.

A UM TERTO QUE DEMANDAVA UMA MULHER
PARA CASAR COM ELA.

Ouço por aqui dizer,
E vós que não o negais,
Que por demanda tratais
De pedir certa mulher;
Que eu suspeito, a meu ver,
E a vosso ver o suspeito,
Que mais justiça, em offeito,
Mais vos sinto, sendo morto,
Senhor, pedindo-a por terto,
Que pedindo-a por direito.

A FR. MANUEL DE MACEDO QUE DIZEM NÃO TER
RELIGIÃO E A FR. JOÃO DE VASCONCELLOS
QUE DIZEM A GUARDA.

Que desterrem a Frei João
Muito embora, eu o concedo,
Mas Frei Manuel de Macedo
Porque o não desterram?
Entre muitas a razão
Cundo que tenho achado,
Que se é culpa ser honrado,
Ser bom frade e viver bem,
Frei Manuel que culpa tem
Para que vá desterrado?

A UM ADVOGADO NESCEU CASADO COM UMA MULHER TERTA.

Mata o Senhor Inocente
 O a direito que não sabe.
 A mulher, não porque a galas,
 E' terta, mata de silencia;
 Pelo que tentas alucinação
 Que, pois matas d'este jeito,
 Basta ao polo, ao que suspeito,
 Com muita razão dizer:
 — Que vites, marido e mulher,
 Matam a terta e a direito.

A UMA FREIRA QUE LHE NÃO QUIS DAR DE JANTAR DIZENDO QUE TINHA OBEDIENCIA DO SEU GERAL.

Que ponha o Padre geral
(Se é que é geral esse Padre)
Me dizeis, senhora Madre,
Madrasta pois dizeis tal,
Excommunhão que papal
Não é, mas de não papar,
Se o faz por não gostar,
Não sei se bem negócios.
Que tem com a *Bulla da Cua*
Dares-me vós de jantar ?

A UMA DAMA QUE NUNCA DEU O SIM A SEU AMANTE.

Já ouvi uma cabra dizer *me*,
 E a um gallo *cucurucu*,
 E a um touro bravo *uu*,
 Dando com um péo negro *hé*,
 A um negro *bass-quangé*,
 A uma maliciosa *co*,
 A catapalcha *balou-balou*,
 A um sino *ballo-ballo*,
 Só a vós nunca vos ouviu
 O diavolo *que sim, que sim?*

A MANTE QUE NÃO DEU UM GALÃO DE OURO
QUE PROMETTEU A SUA DAMA.

Gaílo de ouro prometti,
Sem duvida dando estava,
Pois não sei o que custava
O que nunca possuí.
O credito não perdi,
Nem fiquei envergonhado.
Antes fico desculpado
No que quero pfevenir:
— Que o prometter e mentir
Cerre por razão de estado.

MANDARAM UNS ISMIDOS DEPENNAIS A D.
THOMAS, E QUE DISSASSE COM QUE SE
FAREJAM

Os que lá no limbo habitam,
Nem pena, nem gloria flem.
D'onde a remolunguça volem
Dentes pontarem por cá flectem.
Fera de mil os outros sentam
Mas estes que depennados
Vtem já, ham de ser passados
Falam penam de inferno,
Mas porque é tempo de inverno
Mas gasta d'elles a vida.

A UMA DAMA QUE PEDIU UM PERO CAMÕES

Eu bem me atrevo a esperar
Que não posso merecer.
Pois quem vem a receber
Logo se empenha em pagar:
E posso conjecturar,
Conforme o que me aceitais,
A moeda em que pagais.
Porque experimentei mil vezes,
Que quem quis meus camoeses
Tambem quis meus verdiaes.

A UMA CANTINA QUE LHE DEVEIA CERTO FIDALGO
MAU PAGADOR.

Prata a Deus Senhor D. João,
O' quanto que a tenho em ti
Que quanto mais passarem me deu
Má vida de mais São João,
A' devila, logo a rima,
Diz do grande Bandeira;
O' prout a Deus toda mais,
Senhor S. João sejas
S. João Evangelista.

A UMA DAMA QUE LHE PEDIU UNS COVADOS
DE LAMA.

Senhora, eu não me accomodo
Nisto de dar lama a dama,
Porque se houver de dar lama
Ficarei posto de lodo.
E não digais que esse modo
Denota vontade crua,
Que a bolsa está pobre e má,
E dar somente me approva;
Lama — não da Rua Nova,
Senão somente da raa.

A UMA PESSOA QUE TEM UMA LINGUA DE
PORCO.

Quem de porco pede a lingua,
Do porco assado lingua tem,
Por onde vejo muito bem,
Que o porco vos não faz mingua.
Semelh' archos mais que lingua,
Por remanente que enduram
E o nome já não mudarem.
Quereis lingua, atalhe lá ?...
Pois mette a lingua lá ?...
E todas linguas de porco.

EM QUE SE DESCREVE UMA BERGA QUE TEVE
O CHANTRE DA SÉ DE SANTARÉM COM O
MESTRE-ESCOLA. O QUAL ATIRANDO AO
CHANTE COM UMA PEDRA DEU EM UMA
BURRA NA CABEÇA. QUE ESTAVA NO MEDO
D'ELLIS E MORREU.

Contra o Chantre filisteo
Sanu David Mestre-Escola,
E tirando-lhe a cacheda
Na de certa burra deu.
Toda a pobre estremeceu
E deu consigo no chão,
Sem bulir com pé nem mão,
Pasmada desta porfia,
Porque a cada qual queria,
Como a seu carnal irmão.

Como pode livro fallar,
 Relatado um pouco o' o rabo
 Livro disse: — irmãos! eu acabo
 Triste de quem me matou!
 O Chantre já esmoçurou
 Como quem innocente estava
 De barrachão, gritava
 O Mestre-Escola, feito um peixe
 — Eu se vos dei lá por otto,
 Que a outro livro atirava.

Já por toda a villa sou,
 Disse a terra, esta barrada:
 Dada a ponte malhada,
 Que me não deitas por boa,
 Que meia para Lisboa!
 O estraglio me atirava,
 Que os olhos fechos travava,
 E cartucho, por meu mal,
 Este domado assim,
 Eu que eu servi de malinha.

Malla como um centeno
 Estou de vos apartar,
 Descendamos ruínas
 Foi me muito de perna
 Serpe uma vaca de fumo

Dando quatro passos lentos
Entre dois tantos violentos;
Pois que vantagem me faz,
Para que eu não metta em paz,
Sendo burra, a dous jumentos?

Jogareis co'as más fadas,
Sem temerdes *arres* nem *roles*,
Os vossos quatro pinates
E não jogo de pedradas,
Estão as bestas pasmadas,
É de seu sentido alheia,
Quebrando sedas e péas
Para vos acudir e a mim,
Que somos irmãos, enfim,
Corre o sangue pelas veas.

Fazei, Chantre, penitencia,
Pois fostes o agressor,
E não digais sem temor,
Que vos salvo a innocencia.
Quem é causa da penitencia
Tem mal pena e com razão
Tomai bem esta lição,
Inqui que tanto malis v'falia,
Porque tem vos aconselho
Sem ser burra de Balão.

E já que a morte me aguarda
 De meus bens entre muitos resto
 A vós, Mestre, não calheste,
 A vós, Cofre, a minha alforde.
 Deo, sem vossa perda
 E estrando de repente
 Foi o ultimo acedente
 Uma dose, apertando o queto:
 — Esses doteos, que ali deixo,
 Repartireis igualmente.

• Como deves, desatado.
 • Não fazer como illos restado,
 Aos doteos vossos, que a vós
 Uma parochia debedos.
 Mas depois de apertados,
 Por vontade da fadiga,
 Acharam e não sei que diga.
 Por culpa do enalheio,
 Não tem o meu bom cheiro.
 Além de ter muita luz.

A D. JOÃO GALVÃO

Agora que com as casas,
Que tanta occasião te dão,
Para mentires Galvão,
E ao Crasto para trapaças,
Fica melhor se te casas
Co'a cunhada do Duarte,
Sobre que com tanta arte,
Te vi mentir, companheiro,
E de escacha peço-gueiro,
La debaixo do estandarte.

Deixa já outra montanha
De mentir assigralado,
Da em que finhas arrendado
A quinta da Carvalheira.
Alli nos faras feira
De moinhos e oliveas,
E que plantavas paula
De perdiços para a coa.

Alli sobre as tuas rendas
D'aquelle mesmo lugar,
Moias no teu lugar
De mentiras mil moendas.
Eu já vi outras fazendas
Render vinho, azeite, e pão,
Qu'è a que as fazendas dão,
Como sabe toda a gente.
Porém, mentiras somente,
A fazenda do Galvão.

Também, Galvão, me dizias
Ter de lousa com mil reis,
Sabes que não nos quattreis
Porém de ante não mentas.
Alli resenha faras
Contino da renda della,
Como mentas sobre ... ella

Se ella só rende mentiras?
Ah! João Galvão se te vias.
Se ella só rende mentiras
És almoxarife della.

Eu te tenho por perjure
Pois te vi Galvão jurar
Que tinhas teus, em Thomar,
Duzentos mil réis de juro.
Oh! como mentes seguro!...
Que a capella que dizias,
Que herdaste de tuas tias,
Não é tal, Galvão famoso,
Ganhaste-a por mentiroso,
Que por tal a metecostas.



QUADRAS

A UMA MULHER ACAUTELADA EM FECHAR A
PORTA, MAS DIZIAM QUE ANDAVA COM O
CURA.

*Que importa ao credito vosso
Furtivos, todos os dias,
A porta do Ary-Martin.
Se a almas ao Padre amos?*

A UM MALTES QUE FUGIU A UM BARQUEIRO
QUE LHE QUERIA DAR

Levava asas nos pés,
Par fugir da vara ao péz,
Porque ainda que era maltês,
Parece que era mal téz.

ESCREVENDO-SE A UMA DAMA SEM FIRMA

Vai sem firma e não sem fé,
Porque esta fé firme a firma.
Que melhor é ir sem firma,
Que oom firma e sem fé

A UM SUJEITO QUE TRAZIA DENTES DE MARFIM

E' cousa muito galante,
Rara admiracão das gentes,
Que traga um camello dentes,
Que foram dum elephante.

A LIMA ADDELLA

A adella non spunt fellaia
 Bone nenne nio la d'ella;
 E a que via fellaia non ella
 Calce mitala pila a mitala.

A UM CASAMENTO QUE FEZ EM LISBOA UM
FULANO DE MELLO COM UMA FULANA DE
MELLO. AMBOS VELHOS.

Bizarra em cadeira ella,
Bizarro em cavallo elle,
Elle com muito ar nella,
Ella com muito ar nelle.

Fidalgos elle e ella,
Não ha para que dizê-lo,
Elle Mello é remello,
Ella Mella é remella.

A UMA DAMA PEDINDO UM POUCO DE BENJUM.

Devido de haver alguém,
Que contra visse a está egual,
Que só a mim cheira mal
O que a todos cheira bom.

E mais não faças espanto,
Que o que digo é tudo assim,
Que como este benjum
Coisa me não fede tanto.

Extremos são mui notáveis,
Senhora, o que aqui vedeis,
Com benjoim me fedeis,
Sem benjoim me cheirais.

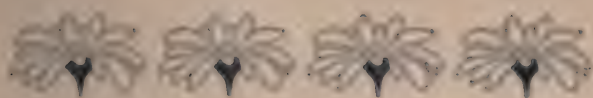
Isso que tanto vos fede,
Quanto a mim devo de ser :
E' que eu devo de feder
A quem benjoim me pede.

Ha tempo já que se diz,
Que até agora não fedias ;
Será porque não pedias,
E fedeis porque pedis ?

Que, senhora, quanto a mim,
(Seja por verdade de ambos),
O mau cheiro que ha entr'ambos
Causou este benjoim.

Do que venho a resumir,
Que ambos hemos de ficar
Fedendo, — um p'lo não dar,
O outro pelo pedir.

E mais por me declarar,
Se á custa minha ha de ser,
Consiste o não me feder,
Em não me querer cheirar.



OITAVAS

A O CASAMENTO DE DOIS PRIMEOS AMIGOS TI-
NHEOS.

A moça tinha de seu,
Elle tambem de seu tinha,
Tinha casa, tinha vinha,
Tinha um negro de Cachem,
Tinha D. João de Abreu,
E quanta fazenda tinha,
Tinha para uma sobrinha,
Que tinha d'um irmão seu.

A UMA MULHER MUITO MAGRA QUE TRAZIA
UMA MORTE NAS CONTAS.

Quando acommetter quiseses,
Morte, a que trazes contigo,
Que acommettas não t'ó digo,
Mas digo que, se acommetteres,
Olha que seja vestida
E não seja doutra sorte,
Porque era da morte a morte
Se acommetteres despida.

QUM FEZ D. THOMAS DE NOGUEIRA EM CEUTA
AO DUQUE DE CAMINHA MANDANDO-LHE
DAR DEZ MIL REIS, OS QUAES LHE TAR-
DAVAM E LHEOS HAVIA DE DAR FERNÃO
RODRIGUES BACELLAR

Aplique por um pouco os sentidos,
E ouça, meu senhor, vossa excoellencia,
Que tambem para pobres ha ouvidos.
Attento esteja um pouco com clemencia,
A's lastimas, suspiros e gemidos
De um pobre que, com tanta paciencia,
Estas misérias tanta não fingidas,
No mundo nunca vistas, nem ouvidas.

É não cuidais, senhor, que o que vos pinto
É querer-vos mostrar que tenho vêa;
Verdades puras são que passo e sinto
Com que os fios vou dando já á tén.
Nalgum signo nasci triste e laminto,
Segundo vejo minha má estrea;
É que importa nascer honrado e nobre,
Se a fortuna me faz patife e pobre?

Que cativo em masmorra, que forçado
Ao remo de galle? que mendicante?
Que Job? que paralitico entrevado
Na piscina? que misero estudante?
Que prezo na enxovia? que soldado
Sem paga? que picaro ou burlante?
Ou que criado vosso, que ainda é mais,
Com misérias se viô no mundo tais?

Entre na pobre casa, sepultura
Onde morrendo vivo degradado,
Acho no meio della sem figura
O moço que á pura fome está estirado;
Os olhos pôe em mim com tal ternura,
Que as pedras mover pôde o cottado,
Eu que o lango lhe entendo do antemão
Lhe digo: *frater meus! non habeo pã!*

E se quizer por dita um vintem pouco,
Que recolhida é com vintem pouco,
Nas salas e noitua do famoso pouco,
Que em o vintem lá das muretas pouco,
Baixa com fúria estranha e alvarago,
A empregá-la em pão, posando o manto,
E muito mais que um voluntário ligamento
A casa parte do amigo taverneiro.

Ea que indo para casa, em que me pes,
Com a fome do todo afogada,
De fugiados vou dar logo na esconda,
Com a moça, que veio pedida do mes
O diaboito da cama, que é alagada,
Que a diaboito eu cuido com estremos
Declara por remédio em milhas magras,
Ficar-me accommodando a duas taboas.

Aparta de outra parte o taberneiro,
Que não quer dar mais vintem nem fiar,
E com justiça pede o seu diaboito,
A palmeira que quer já amassar,
Que não tem com que possa ir ao colletto,
Me manda em resalva breves declarar
Que eu pague como mestre de contado,
Ou não espere mais por pão fiado.

O amigo que tinha separado,
E só pera mortais o ia pompando
(Que sempre um pobre vive acantellado)
Em traças de viver imaginando,
Em cujas esperanças confiado
Ia a meus males algum alento dando,
Se lhe chego a pedir, deixa-me *in medio*
De Scylla e Carybdes, sem remedio.

E' a pobreza d'amigos espantallo,
Mal tam cruel, que até de lei carece
Não sinto eu no mundo igual trabalho
Sabe-o só o triste que o padece.
Que se pera me livrar della, me valho
Daquelle mão, que se me offerece
Com os dez que prometestes, meu senhor,
Sois Príncipe, sois Rei e Imperador.

E não vos desculpeis de que é forçoso
Largar a p... que, se em residencia
Vos têm dito, que a tenho, algum curioso,
Não se engane, por Deos, vossa excellencia,
Pobre não pode haver luxurioso
Que é fria a pobreza em quinta essencia,
Ni halla quien mis golpes me repare,
Que no a há amor, señor, se no hay dinare.

Aqui para, senhor, a pessoa minha,
Que já não tenho mais que vos dizer ;
Agora lhe aplicai vós a moxizinha,
Que sabeis que meus males não mister.
O que vos peço só por vida minha,
Que venha muito a dar com o prometter,
Que eu sou já velho velho e este dar
Mandai que venha dando o Bacellar.

E não queirais que morra este coitado
Do padre Dom Thomás em tais lazeiras,
Sem ser de vós, senhor, remediado.
Antes me irei por ahí, como as capreiras,
Se por vosso gosto assim me fôr mandado,
Metter-me entre as barbaras bandeiras,
Onde antes pelejando perco a vida,
Que vê-la á pura fume consagrada.



CANÇÕES

AIS DAMAS DO PAÇO DANÇALLE UMA VAIA
PORQUE NÃO SE DETEVE INDO JANTAR

Damas do paço, da paixão que sente,
Quem da vossa doceza andar diante,
Tudo podem os vossos pareceres,
Tudo os vossos poderes,
Podem dar vida a um corpo, vida a um mundo,
Mas o amor, Senhora, tapa tudo.

Vos que dais luz ao sol a qualquer hora,
Aonde a luz das outras luzes mora,
Desfazeis forças e fazeis conquistas,
A qualquer hora vistas,
Bellas sois no oriente das janellas,
Mas depois de jantar muito mais bellas.

Sois estrellas que observa todo o mundo,
Estrellas sois de graça mas sem fundo,
Mas das estrellas toda a formosura,
Da luz a noute escura,
Que ao jantar é pezada zombaria.
Fazer-me ver estrellas ao meio dia.

Matais de amor, matais de olhado,
Tais poderes a sorte vos tem dado,
Que essa vista que ao mundo desbarata,
A todo o tempo mata;
Mas, porque o novo exemplo em vós se torne,
A' hora de jantar matais de fome.

Tomado o sol da vossa gentileza,
Aonde envidou seu resto a natureza
De uns olhos agulheiros no astrolabio,
O piloto mais sabio
Perde amor na caduca Noroega,
Quando o meio dia ás portas chega.

Deixai-me vir a morrer a meu conforto,
Que certamente serei posto farruco,
Por tanta fadiga que colhar me aquento,
De partir até à morte
E-mu-dai pôr ao sol resplandecente
Com a farriga feita, pó doamento.

A FR FERNANDO DA CAMARA, PROVINCIAL DOS
PEDINTES. A UM SERMÃO QUE FEZ DO
LAVAPES. 5.^a FEIRA SANTA.

Ainda está por discernir,
Meu Padre Provincial,
Se aquelle sermão fatal
Foi de chorar, se de rir.
Cada um pode presumir
O que melhor lhe estiver,
Porque aquella má mulher
Da perversa sinagoga,
Fez no sermão tal asneira,
Que se não deixa entender.

Certo que este lavapés
Me deixes escarpilhado,
E quanto a mim te cortado
Para um risinho entremés.
Eu o quero dar de troes
A outro algum Pregador
Seja elle quem quer que fir,
Seja talal, seja bonrado,
Que eu quero perder dobrado
Se fôr outro peor.

E vossa Paternidade,
Por o que deve á virtude
De tais pensamentos mude,
Que prega mal em verdade.
Faça actos de caridade,
E não de se emendar,
E mais de illa não pregar.
Porque virá o Mestre Escola,
Que por pregar, p'ra Angola
O possa deportar.

A UM HOMEM QUE TINHA FAMA DE LADRÃO
E LHE TACHOU ALGUNS VERSOS SEUS

Aqui passêa o Fuão
Na seu frisão de contino,
O Fuão de marca dino,
De Dinamarca o frisão.
Por elle diz que lhe dão
E eu sei que os tem contados,
Mas não sei se são cruzados,
Duzentos, e não me espanto
Tanto de lhes darem, quanto
De lhes não terem já dados.

Que se espantou outro dia,
Me dizem, a um romanceiro meu,
E de cada verso que ler
Dava um unhada e dizia :
« Tem faltas esta poesia. »
Quero dizer que propunha
Me abençoar que lhe parecia
Eu não me espanto de nada
Quando ouvi que dava unhada
Nemem que eu sei que tem unha.

Um nosso amigo o achou
No estrado da mulher,
Que por parente lá vêr,
E dizem que se enfiou.
E disse a quem m'o contou
E já m'o tinha contado :
Quanto eu mais enfiado
Ficava, sem levar nada,
De elle me achar nunca estrada
E eu a elle no estrado !

E' homem o é Thomé,
Que sabe meter a mão,
Quer nos caminhos, quer não,
Quer tenha ou não tenha lá.
Tal homem deram-lhe morte,

E não de qualquer maneira,
Quando conhecer-me queira,
Tendo acaso duvidado,
De antes me metter no lado
A mão, do que n'alguêira.

A UMA PUEIRA QUE LHE MANDEI PEDIR
MEIAS E SAPATOS PARA ENTRAR EM UMA
COMEDIA, E UM VESTIDO

Vestido, meias, sapatos
Me pedis senhora Inês,
Para entrar numa comedia
E sair num entremés

A' fé do poeta loucado,
Que dizais desta voz,
Dispedia de todo o poeta,
De cabeça, perna e pé.

Porque pedir tal vestido
A quem vestido não tem,
Será deixar-vos em branco
Vestindo-vos em papel.

Pois desta sorte vestida,
De ponto em branco entrareis,
Que entrando de encamizada,
Em camisa entrais mui bem.

Despida por despedida
Praza a Deus que não fiqueis,
E vos tome sem camisa
Quem vos tomar por mulher.

Buscai, senhora, outro amante,
Que tal vestido vos dê,
Porque vos não quer vestida,
Quem só despida vos quer.

Vestido nunca peçais
A quem amor vos tiver,
Que amor como anda despido,
Não dá vestido a ninguém.

Assim que estais enganada
Se cuidais, senhora Inês,
De alguns destes meus vestidos
Fazer roupa de francês.

Vestido não quero dar-vos,
Nem vestido mont ferros,
Que peta vestir um santo
Desper vós não convém.

Que dar vestido um poeta
Coisa é que se nunca foi.
Pois se cotto de vestir,
Sabe um poeta fazer.

A capa sem ser vestida,
Se quizerdes vos darai,
Se por deixai-vos nas mãos
A capa como Joseph.

Perdem meias nem sapatos,
Por Deus que vos não darai,
Que é fazer grito sapato,
De quem sapatos não tem.

Padre, senhora, de mim.
Pois se os sapatos vos der,
Não terei em toda a vida
Outros que meitta nos pés.

E está coisa feyada
Se calçada não tiver.
Nos Carmelitas Descalços
Professar um que não põe

Nestes pontos dos sapatos
Nem das meias me falleis,
Que perece o ponto em cuidar
Nas pontas de vosso pé.

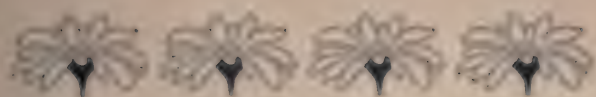
De meias podeis andar
Com quem as meias vos der,
Que eu não deu por não dar meias
Nem meias natas a ellei.

La vos havei com o trino
Pedi-lhe, senhora Inês,
Que vos vista e que vos calce
Como marido a mulher.

Com botas ou botzaguins
Entrai no vosso entremês,
Que calçando desta sorte,
Calçareis ao Português.

E se não nessa comedia
Entrar em pernas podeis,
Representando descalça
A figura de Moysés.

E não torneis a pedir-me
Cousa que valha um vintem,
Que o pedir é despedir-me
Para todo sempre, *amen*.



ROMANCES

CAPITULA DE S. JULIO A D. MARIA DA SILVA
DE SANTA CLARA POR D. THEODAS EM
CUMBRIA.

Maria, pois sêis a gala
Das nymphas deste Mondego,
Neste S. Julio presente
A capella vos remetto.

E' culpa, sim, de atrevido,
Mas não é da penha orço,
Que como cantais tam bem
Sesta capella vos motto.

Se já não é o que cuido,
Pois morto de um mal velho,
Como a prima que mais amo,
Esta capella vos deixo.

Não vai, senhora, em *boninas*—
Vai tão somente em meus versos.
Porque é bem que vá por letra
Já que as *boninas* não tenho.

Não invoco á Talia,
A' Orato muito menos,
Mas invoco áquella Musa,
Que mora a par do Mondego.

Aquelles olhos invoco,
Que têm muito de serenos,
E andam sempre quebrados,
Mas não comigo, por certo.

Ouvi agora, menina,
Da capellinha o curodo,
As *boninas* de que consta,
Que tudo contar prometto.

Leva um cireulo de *cravos*,
Que imagino vão vermelhos
Só porque lá-os de apparecer
Diante do vossos bellos.

São cravinhos tão cheirosos
Nascidos em um cravinho,
Que dá flores, mas não fructo,
Por ter o Vaso já velho.

E porque não diga o mundo
Que em mais drugas me metto,
Os cravos são da Rochella
E não das tendas por certo.

E não noteis macelar cravos
Pintados sômente em verso
Pelo que se fereis novata
Esta encravação vos metta.

Vai contra o círculo logo
De *passadas* brancos e bellos, •
Se os que são subot quereis,
Contal-os vós pelas doas.

São estes jastulos que manda,
Narcisos de prado ameno,
Narcisos muito ascheados,
Porque sem fôrtes os vejo.

Não serem muito estimados
Estes tão *passados* entoados,
Porque em vazo brancos nãto,
Tendos *passados* de subejo.

Outro circulo se segue
De flores, a que por certo
Amor-perfeito lhe chamam,
Como se pudera havê-lo.

Amor perfeito jámais
Se deu cá nos homens cegos,
Que amor com ser companhia,
Nunca n'ella foi perfeito.

Seu raminho da *hortellã*
Leva a capella por certo,
Que não cuideis que sam sopas,
As flores que vos remetto.

E desta *hortellã* só que
Tomeis a crueza tomo,
E tendes sendo Menezes
Com Pedro Crú parentesco.

Vai a formosa *marcella*
Celebrada neste tempo,
Com pretensão de ser flôr,
E de ser flôr tem desejos.

Mas cuido que se tiver
Em vossa cabeça assento
Que lhe hão de dar na cabeça
De ser *bonina* os intentos.

Pois não podes à roupa viata
 Haver fôr no prado anemo,
 Porque em vos vende florido
 Padeco pensas de sono

Não vos matado, não, Martens,
 Os panchallos de monstro
 Que, pois porem a dormir,
 Em dormindo vos não quero

Não leva entegredos,
 Pois por indallevos todos,
 Que por ser sempre equivo
 De modo certo lá mostra

Vai a segredos bella
 E volvi, com clava intonta,
 Que depois de segredos,
 Sai a pila no terreno

Leva porem a sapella
 E já sabas a proposita;
 - Quere por a mais peritias munda -
 Tant antigo como velho

Nestas peras que vos mado
 Dem claramento madoq;
 Que trahes oia pera peras,
 Se a ditado fahes peras

A UMA FREIRA A QUEM D. THOMAS PERGUNTEU
LHE DISSÉSSE O SEU NOME E ELLA LHE
RESPONDEU QUE COMEAVA POR F.

Se pot F hei-de entender
Vosso nome peregrino,
Sois *Francisca*, se não sois
Fulana de S. Francisco.

Oh sois *Fulancina*,
E quem foi favorecido
De vossos divinos olhos,
Tambem sera felicissimo.

Flammas também sentis
Mas indurata a meu destino.
Pois já houve deuses outros
Antes vobisca perdidos.

Forbes, possivelmente de parte
O nome que ao baptismo
Vos deu, evocava Morte
Vossa divina puerícia.

E nememte a letra F
Na laryn do meu ventral
Digis que não produzisse,
E que assim dentro bulisse.

Podiam ser perseguidos,
Foram mostrados tanto mais,
No altar que de Philippe
Sustenta, vos imagina.

Não derrade que não Flava
Mas rematado, mais, digis,
Que não leve mais vobis
Os regulos do Orgão.

Já não disseis alguns que não,
Mas antes erram a lra,
Que não se vê não herança,
Eis tanta tem pouco além.

Formosa sois em extremo
Filha do sol escondida,
Os seus raios com os vossos
Ficam mui escurecidos.

Flor sois que criou amor
Entre rosas e espinhos,
Porque não possa gozar
O fructo de meus sentidos.

Folha sois pois não sois firme,
Contudo sou tam mefio,
Que não vos movê, senhora,
O vento de meus suspiros.

O meu fado ou meu fadario
Por onde senhora, amigo,
E' liberdade captiva
Ou pensamento rendido.

Sois a mesma *fortaleza*,
E quantos vos vêem rendidos
Pagam tributos de amor
A vossos olhos divinos.

Dizem que a *figueira* foi
Vedada no paraizo,
Que foi figa para nós.
Pois tememos tanto risca.

Partes: eis. Sentiam munda
 Não uma ligeira nem fôgo,
 Mas uma e tanta vontade
 A desque atrevo-me.

Atentando para as partes
 De vossa parte de fôrça,
 Não tenho mais do que fazer,
 Que chama amor mormido.

O bôto, que por entre elles
 Lances atando dequido,
 Partes fazem brada,
 Que poezia meus sentidos.

Fogo brando sem ser o fôrça
 Com serpe de bocalheira,
 Onde qual phôrça mormo.

São fôrça de vós os cabellos,
 Mas vós não são os fôrça,
 Como os fôrça de espada
 Amor em vós dequido.

De vós, sentida Morte,
 Fôrça de v. Francisco,
 Francisco, phôrça,
 Fôrça, fôrça, fôrça.

Fetideira, feira, folha,
Farmosa flôr entre espinhas,
Filha do sol, fortaleza
Frueto vedado, e não fugo.

Bafo, fogo e faranno,
Freira, em que tudo digo,
Sois, senhora, se sois F.

Enfim sois o fim sabido
Adonde de perfeição
Non plus ultra amor ha escripto.

A EM JOÃO DA COTA A QUEM UMA MULHER A QUEM ELLE, NAMORAVA FEZ UMA DESCORTEIA LANÇANDO-LHE PELA JANELLA UMA POUCA DE SUZIDADE E ELLE FOI FUGINDO.

Fugirões tanto e assim,
Sem parar, senhor João Cota,
Toda mundo vo-lo nota.
Salvo eu que, quanto a mim,

Não, se atentarem, de achar,
E favela de achar se atentardes,
Não ser muito o não parados,
Onde não havia parar.

A vos dar de meio a meio
(E ella mesmo o confessa)
Fazia-vos a cabeça
Numa pasta, e eu o creio.

E não fôra maravilha
Grande, quanto a mim fazê-la
Numa pasta, fôra ella
Fazer nella uma pastilha.

Em caso tam repentino
E tal causa admiração
Poderdes-vós ter que não
Fizereis um desatino.

E mais quando aqui se diz,
Mui por coisa averiguada,
Não poder ser que a mostarda
Vos não chegasse ao nariz.

Ha pessoa que aporfia
O dado vendo tam grande,
Que parece de Alexandre,
Em que mais de Alexandria.

O' mão que em dar tal fruta
Tata liberal vos mostrais?
Que quando dê penca aos mais
Este se queixa da multa.

A UM CAVALLEIRO DE CRUTA, RIDICULO, QUE
CHAMAVAM DE URRASCO, SAINDO AO CAMPO.

Uma sexta-feira á tarde,
Vespéra de Santo Amaro,
A jogar cartas sóo,
Vestido á guseta, Urrasco

Val em risco que mal val,
Por ir de lomo tão magro,
Que sem confusão padeira
Barridos de Santiago.

Por espeta levea d'as pregas,
Com que picava o cavallo,
A quem talas de navallas
Não fariam dar um passo.

Calçados uns botzequins,
Que por qualquer parte calçam,
E posteque que ia calçado,
Jurava que ia descalço.

Por marlota um gabão,
Que algum tempo fôr pardo,
Com mais buracos que pontos,
Mais remendos que buracos.

A tiracollo um ourello,
Dondo pendia o traçado,
Que qual seta com veneno
Vai de ferrugem hervado.

Por elmo leva um barril,
Que foi de figas passadas,
É um rabo de raposa
Leva posto por penacho.

As passar de uma esquina
O esperam deus embuçados,
Que invejosos de seu bom
Lhe querem arruar um chado.

Urmasco que sente a cidade
Mette as pernas ao cavallo,
E saia com tanta fôrça
Que fôrça he mesmo estado.

NOTAS

Página 7

1. O nome do Padre Garcia, pouco frequente, por não se encontrar em nenhuma obra com o ms. 270 v., attribuindo a D. Thomás e que tem a habilitação das suas palavras, mas também disse que o mesmo nome, em variantes, se encontra no ms. 255, pag. 124, onde é attribuído ao Dr. João Sarmiento de Torres, um jesuíta portuguez, que se estabeleceu, como jesuíta, no grande Yacuma, onde escreveu a obra sobre o Valle de Santa Helena de D. Thomás de Noronha.

Página 13

2. A sua mãe, que descreve-se como mulher para não ser mais alta; esta última parentese no ms. 255, 261 e 262, em variantes variadas. Foi por esta publicação pela primeira vez na *Edição da Portugalia* (Lisboa, 1865), pag. 151.

Página 14

3. O Dr. Manoel de Moraes, que aliás não se encontra e a Dr. João de Thaumastus, que aliás se encontra; esta última

aparece novamente em uma rima, e, com esta excepção no. 301 (pág. 371) — A. 9, *Manual de Muroli, ou o secreto em que manifestam a arte da arte a fr. João de Vazancella*.

Página 15

A um alcega no seu casulo com uma mulher morta, igualmente nos tres ms. Também foi por nós publicada na *Litteratura Portuguesa*, 2.º vol.

Página 21

A uma dinda que lhe devia certo felaiço muito pequeno. Não nos foi possível completar esta poesia, e que falta um verso, e que por isso esta não possui symetria. Encontramos-lhe apenas no ms. 3.º 2. fl. 84 v.

Página 28

D. João Gualdo. Não estão regulares algumas das palavras d'esta poesia, que vem apor-se no ms. 321. Pelo referido, este D. João Gualdo era um moço muito bonito. No vol. 2 da *Poeta*, pag. 229, pode ler-se um soneto — *A uma moçada, que disse D. João Gualdo*. Ali se accusa D. Thomaz de ser

das moçadas fada pessoal

D. João Gualdo disputava primicias ao parente D. Thomaz e naturalmente os moços sentia que se lhes destinava, contra este:

Estando nós á vista de Quirinos
No Sacro promontorio de Vicente,
Eras de todos tido por valente,
Fazenda de que quilloes de favelas,

A UM MEDICO QUE EM TUDO O QUE
PROGNOSTICAVA MENTIA

Não o vi desconfiar
De doente que morresse
Nem vi nenhum que visse
Dos que lhe vi segurar.
E mandar levantar

Mandar elle sugar alguém !
Pois adivinha tambem !
O juras a Deus que não falas
Diga de mais que antes não.
Para eu morrer que antes não.

E o medico contradiz-se a si mesmo, que diz = "Não a um
felizpe, que se mostra com quanto lhe comprazimento, e pediu
a D. Thomás de Noronha uma capa de samambay q'elles
na Foz de V. 220. uma carta de D. Francisco Manoel de
Mello sobre a "Idade" Mandando mostrar uma capa que pa-
recia boa para mostrar de um costume, que não tem (diz
Mello) (Viagem de Torres), pag. 223.

Diz D. Thomás :

Mando a capa, e de caminho
Vos lembro que fico assim
Recebo, com ser Thomás
Que hoje seja Martinho.
Se fôr o que eu adivinho
Sera muito n'esta cidade.
Senhor, se a falar verdade
Se vs queredes, Senhor,
Que a dê toda um peccador.
Dando um Santo só metade.

Fiz uma bela entrevista D. Francisco Martini de Mello :

Porque pedir a solidão
Vai longe à casa, Senhora,
Porque ela ainda quer
Que sempre queira a solidão.
Mas, sem ser desafiada,
Ela a vontade a mostrar.
Tudo pelo portador,
Porque, se ali, não é vontade,
Que dos Santo dos amados,
Que não de dar um portador !

INDICE

Introdução	Pag.
SOMÉTOS	
Canção suprema	1
A uma dama prodiga de ternura	2
Ballada do repatriado	3
A um homem presente e despretensioso, chamado Paulo Dias	4
A minha ternura no peito com modo de uma rosa de Hollander	5
Considerar uma italiana com uma mulher de um dia	6
As quatro vidas, desde transmutação por amor ao mesmo coração	7
A um jovem que quando fallava ao longe não se conhecia mais por elle e disse que era um homem que não conhecia	8
Motivando-se pedir o seu retrato	9
A um velho cheio de milles annes que nunca viveu com uma	10

DECIMAS :	Pag.
A uma dama que lhe chamem descompendado	11
A um moço que não fazia caso d'uma patuleia, que lhe deram	12
A um tolo que demandava uma mulher para casar com ella	13
A fr. Manuel de Macedo que dizera não ter reli- gião e a fr. João de Vasconcelos que dizera a guarda	14
A um advogado, nescio casado com uma mulher tocha	15
A uma frouxa que lhe não quis dar deostar dizendo que tinha obediência do seu pai	16
A uma dama que tanto deu a um a seu amante	17
Amante que não deu um pedão de ouro que pro- metteu a sua dama	18
Machucaram uns pombos depenados a D. Thomaz, e que descesse com que se parricou	19
A uma dama que perdeu um péto namorado	20
A uma diva que lhe devia certa fidelidade, mas pagou	21
A uma dama que lhe perdeu uns ovados de lã	22
A uma pessoa que perdeu uma lingua de porco	23
Em que se descreve uma briga que teve o chantre da Sé de Santarém com o mestre-escola, o qual aterrou, ao chantre com uma pedra de, em uma luzia na cabeça, que estava no meio d'ellas e morreu	24
A D. João Galvão	28

QUADRAS :

A uma mulher humilhada com fadiga a pedir, mas dizendo que amava com o tolo	31
--	----

	pag.
A um maltês que fugia a um barqueiro que lhe queria dar	32
Escrevendo-se a uma dama sem firma	33
A um sujeito que trazia dentes de marfim	34
A uma adella	35
A um casamento que fez em Lisboa um fulano de Mello com uma fulana de Mello, ambos velhos	36
A uma dama pedindo um pouco de Benjoim	37

OITAVAS :

Ao casamento de dois primos ambos tinhosos	39
A uma mulher muito magra que trazia uma morte nas costas	40
Que fez D. Thomás de Noronha em Ceuta ao duque de Caminha mandando-lhe dar dez mil réis, os quaes lhe tardavam e lh'os havia de dar Fernão Rodrigues Bacellar	41

CANÇÕES :

A's damas do Paço dando-lhe uma vaia porque não se deteve indo jantar	47
A fr. Fernando da Camara, provincial dos pedinteis, a um sermão que fez do lavapés, 5.ª feira santa	50
A um homem que tinha fama de ladrão e lhe tachou alguns versos seus	52
A uma freira que lhe mandou pedir meias e sapatos para entrar em uma comedia, e um vestido	55

ROMANCES :

Capella de S. João a D. Maria da Silva de Santa Clara por D. Thomás em Coimbra	59
--	----

	Pag.
A uma freira a quem D. Thomás pediu lhe dissesse o seu nome e ella lhe respondeu que começava por F	64
A um João da Cota a quem uma mulher a quem elle namorava fez uma descortezia lançando-lhe pela janella uma pouca de sujidade e elle foi fugindo	69
A um cavalleiro de Ceuta, ridiculo, que chamavam D. Urrasco, saindo ao campo	71
Notas	75



MENDES DOS REMEDIOS

Os Judeus em Portugal, 1 vol.	15000
Introducção á Historia da Litteratura Portuguesa, 1 vol.	800
Litteratura Portuguesa, 1 vol.	900
Sousa Martins e a Serra da Estrella, 1 folheto..	100
Programma de Lingua Hebraica.	
Subsidios para o estudo da Historia da Litteratura Portuguesa :	
I — Fidalgo Aprendiz	200
II — Poesias inéditas de Thomás de D. Noronha, poeta satyrico do seculo xvii ..	300
III — O Foguetario (em preparação).	
IV — Os Lusiadas. Edição escolar (em preparação).	